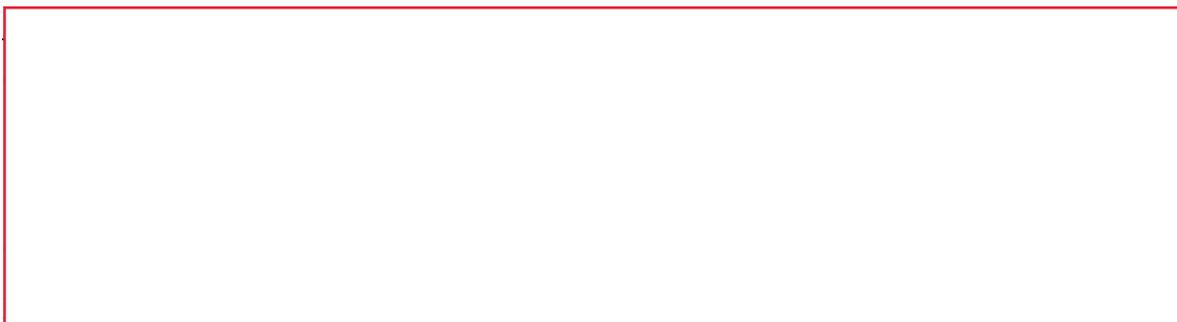


1 - Breve apresentação do caso

Este relatório trata de um conflito envolvendo duas militantes filiadas ao PSOL: Isabel Ferreira Zarzuela e Indianara Alves Siqueira. A filiada Isabel Ferreira Zarzuela, co-fundadora da Casa Nuvem, e seu companheiro encaminharam denúncia à Comissão Nacional de Ética do PSOL contra a filiada Indianara Alves Siqueira, figura pública do PSOL, suplente de vereadora no RJ (eleições 2016), ex-associada da Casa Nuvem, fundadora e atual responsável pela Casa Nem. Segundo a denúncia, no centro do conflito encontra-se o processo de disputa pelo espaço construído material e simbolicamente pela Casa Nuvem e sua apropriação por Indianara para a construção de outro projeto, denominado Casa Nem, entendido pelos denunciantes como “uma carta de apresentação para ter uma candidatura forte” à vereadora em 2016. Este relatório trata de um processo complexo, atravessado por ameaças e com forte disputa no campo discursivo e nas redes sociais.

1a - Das pessoas envolvidas

Isabel Ferreira Zarzuela (denunciante) – Nasceu na Espanha; veio para Brasil em 2004. É historiadora da arte, feminista e militante de partido de esquerda em seu país. Casada com Eduardo Bonito, brasileiro de SP, com quem morou no RJ até o acirramento do conflito. Mantém residência neste Estado, mas atualmente vive na Europa. Co-fundadora da Casa Nuvem, foi muito ativa em movimento de ocupação de imóveis em sua cidade. No RJ passou a articular trabalho e ativismo para denunciar a violência policial. Por isso, desde 2010 passou a articular projetos sociais. Pelo Projeto Composições Políticas objetivava a organização de um espaço não institucional, onde pudesse realizar atividades e se reunir de forma regular. Juntou-se ao Coletivo “Nuvem Móvel”, em 2012, do qual vem a denominação Casa Nuvem (cf. Dossiê). Filiada ao PSOL em 2012, filiação interna por ser estrangeira. Teve atuação em algumas pautas comuns com o partido, a exemplo da CPI do Ônibus.



várias das atividades realizadas nos presídios e hospitais em um Ponto de Cultura, que funcionava como parte dos projetos de sustentabilidade da casa.

Indianare Siqueira (denunciada) – Associou-se à Casa Nuvem em junho de 2014 num momento em que a Casa se abria para a associação de outros coletivos e de pessoas. Em meado do ano seguinte leva para o espaço da Casa Nuvem o Projeto Prepara Nem, um cursinho pré-vestibular preparatório para o Enem voltado para pessoas trans. Preside a ONG TransRevolução. Filiada ao PSOL desde 2013. Fundadora da Casa Nem, espaço de acolhimento às pessoas transvertigeneres em situação de vulnerabilidade e, neste espaço, oferece, por meio de parceria e voluntariado, diversos cursos como “Costura Nem, Alfabetiza Nem, Prepara Nem e aulas de Fotografia e Yoga”. Foi candidata a vereadora pelo PSOL em 2016, obtendo mais de 6 mil votos. Possui forte representatividade junto às mulheres trans, conta com reconhecimento ao seu trabalho no movimento, inclusive por parte de seus denunciantes.

1b - Do objeto de disputa: a Casa Nuvem

“Já vi festa acontecer na terça feira à noite, um debate, depois ter um dj, uma festa. E na quarta feira de manhã tá o Fórum dos Pontos de Culturas se reunindo, várias pessoas de diferentes estados no mesmo espaço; no mesmo chão que o cara purpurinado estava dançando tinha uma senhorinha que veio do interior do ponto de cultura dela, sabe?”

A Casa Nuvem sediou-se desde 2012 no Beco do Rato, num sobrado localizado no número 18 da Rua Morais e Vale, na Lapa. No primeiro ano, a Casa possuía 5 associados e 2 coletivos. Entre os quais: (locatários do espaço), Isabel e (fiadores do aluguel) e . Os dois Coletivos: Nuvem Móvel que trabalhava com bicicletas com música; e o Ciclo Corriê, um coletivo de pessoas que faziam entrega à domicílio usando a bicicleta como meio de transporte – tipo *motoboy*, mas usuários de bicicleta.

Uma reforma no prédio foi realizada sob a administração direta de Izabel, envolvendo toda a parte de hidráulica, construção de banheiros, a cozinha e bar foram equipados.

Já em 2013 foram realizados eventos com boa receptividade. Neste ano, a Casa foi reconhecida como um Ponto de Cultura, status mantido até 2016, com o desenvolvimento de alguns projetos como: 1) O Ateliê de Dissidências Criativas (semanal); 2) Tri-ciclo, ciclo-ativismo; 3) Nuvem Hub, de produção de equipamentos reciclados para sonorização; 4) Trabalho com Cinema, com um grupo de festival de

cinema no RJ em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, o que incluía a “Monstra de Cinema”.

Em 2014, houve assembleia que deliberou pela ampliação do número de associados, chegando a mais de 30. Assim, a Casa Nuvem se transformou num “espaço de encontro de diferentes pessoas e grupos que agiam nos campos do ativismo criativo, movimento hacker, ciclo-ativismo, experimentação artística e cultura viva.” (Dossiê, p. 01). É nesse contexto que a Casa Nuvem vai abrigar, em 2015, o projeto Prepara Nem, voltado para mulheres trans, sob a coordenação de Indianare.

A Casa sediou reuniões de vários movimentos como a Marcha das Vadias, a “galera do Poli Amor”, reuniões que trataram da CPI dos ônibus. Neste espaço também foram produzidas camisas para ações contra a violência policial, pela CPI dos ônibus, o caso envolvendo a morte de Amarildo, etc, todo material produzido pelo Ateliê de Serigrafias.

Do ponto de vista da sua dinâmica interna, a Casa Nuvem possuía uma Assembleia mensal à qual associados/as apresentavam pautas; quando reunida, contava com presença média entre 15 e 20 pessoas. Cada associado tocava seu projeto, não sendo obrigados/as a participar de todos os projetos da Casa. A assembleia era a única atividade conjunta.

As atividades eram executadas por um GT e uma administração. Um grupo pequeno de 4 a 6 pessoas cuidavam do operativo e por isso estavam mais presentes na Casa. Também experimentaram uma “administração pulverizada”. Cozinha: de segunda a sexta, a cada dia da semana, uma pessoa cuidava da cozinha, e vendia comida para o público que se encontrava em atividade na Casa ou passava por lá.

Cada associado pagava mensalidade ou contribuía com trabalho através do “banco de tempo”; ao se associar, passavam a ter acesso à chave da Casa, ao código do alarme, ao *watts* do grupo e ao driver com calendário de marcação de agenda do espaço; portanto, o sistema era autônomo e fluido, se baseando na confiança. Cada associado tinha muita liberdade para propor agenda para a Casa.

Por fim, vale mencionar que se trata de uma Associação, sem fins lucrativos. Os recursos oriundos das festas e mensalidades arrecadadas eram reportados para o funcionamento da Casa. Foi possível identificar alguns princípios norteadores do uso do

espaço, como: 1) Espaço não partidário; 2) Não usar da força policial para solucionar conflitos políticos; 3) Não usar o espaço da Casa como residência;

A palavra *amor* é recorrentemente citada pelos seus associados e associadas para se referir à Casa Nuvem, inclusive Indianare afirma no dia 23 de novembro de 2015, conforme consta no Dossiê,: “Apesar de começar a me afastar da casa tenho muito amor por esse lugar que curou um antigo pesadelo que eu tinha (...)” (p. 19).

O objeto de disputa envolve, portanto, o espaço físico ocupado pela Casa Nuvem: um prédio reformado, localizado em lugar central no Rio de Janeiro; e bem equipado. Mas, envolve, sobretudo, a disputa por uma simbologia construída coletivamente como espaço de resistência, de referência para as lutas e para uma cultura alternativa de cunho plural e libertário.

Pela acusação encaminhada ao PSOL, este espaço havia sido invadido por Indianare para a fundação da Casa Nem – que teve como embrião o Prepara Nem. Hoje é uma casa de passagem, um abrigo para mulheres trans, que também conta com serviços como psicoterapia, mudança de nome (nome social) e cursos como o Prepara Nem, Prepara Nem técnico, curso audiovisual, de idiomas, modelagem de corte e costura, ateliê com máquinas industriais, aulas de serigrafia, maquiagem e cabeleireiro.

1c - Do histórico do conflito

Junho de 2014: Indianare se associa à Casa Nuvem;

Não foi possível datar, mas vale registrar que Indianare passa a fazer algo novo na Casa: dormir no seu espaço físico. E por isso estava muito presente no cotidiano da Casa – apesar de não compor a sua administração.

Junho ou agosto de 2015: Indianare passa a desenvolver, neste espaço, o Projeto Prepara Nem e, por isso, algumas trans como Dani Farias e Luciana Vasconcelos passam a frequentar a Casa.

Novembro de 2015: o Prepara Nem cresce, ganha visibilidade, e Indianare declara, de forma amigável, que irá se afastar da Casa, e que está a procura de outro local para abrigar o Prepara Nem.

16 de dezembro do mesmo ano: Indianare usa as redes sociais para acusar a Casa Nuvem de silenciar opressões machistas.

Em dezembro do mesmo ano, a Assembleia aprova um Edital de Espaços – para aluguel de espaços da Casa.

30 de dezembro de 2015: “Mutirão”, uma atividade de confraternização de final de ano e também de limpeza da Casa, não foi bem recebida por Indianare.

11 de janeiro de 2016: o GT de Sustentabilidade apresenta à Assembleia e aprova proposta de cobrança de taxa, incluindo o Prepara Nem (algo em torno de R\$ 150 a 200);

No dia seguinte, 12 de janeiro, Inidanare responde com ameaças no *Wathshap*, e aí já usa a expressão “liberar o espaço”, sinalizando que o queria para o Prepara Nem. E comunica suspensão da comunicação “olho no olho”, afirmando que só se comunicará com associados da Casa através de mensagem.

16 de janeiro volta a usar o *Facebook* para denunciar a Casa Nuvem de transfobia. Motivo: acusa os associados/as da Casa Nuvem de não participarem da festa do Prepara Nem (lançamento do calendário de aulas);

28 de janeiro: ocorre uma assembleia para preparar o Carnaval 2016; e entra na pauta uma proposta de expulsão de Indianare; a pauta não foi debatida porque Indianare não estava presente na reunião.

03 de fevereiro: Indianare coloca cadeado em uma geladeira da Casa;

05 de fevereiro de 2016: data de uma “briga violenta” na primeira festa de Carnaval da casa Nuvem. (Dossiê, p. 01)

06 de fevereiro: “campanha de difamação ‘Sangue nas Nuvens’”. (Dossiê, p. 01);

09 de fevereiro: o Carnaval foi cancelado;

19 de fevereiro: reunidos em assembleia, associados/as decidem encerrar o Projeto Casa Nuvem. E passa-se a discutir sobre o que fazer com o espaço;

28 de fevereiro: Indianare usa a pagina da Casa no *Facebook* para comunicar a “ocupação” da Casa.

Em março de 2016: tem início um processo de “mediação”. Uma comissão foi instalada para fazer a transição no Contrato do imóvel. Este estava no nome de [redacted] e deveria passar para os nomes indicados por Indianare.

Os acordos não foram cumpridos.

Setembro de 2016: a Casa recebe ordem de despejo;

16 de setembro: Campanha Libera Nuvem;

Novembro de 2016: denúncia contra Indianare é encaminhada à Comissão de Ética por Izabel e [redacted]

“Entrega” do espaço e acordo para substituir os nomes no contrato e na fiança da casa; e definição de nomes da Casa Nuvem para mediar o conflito.

O acordo não foi cumprido.

Meado de setembro de 2016, durante campanha eleitoral, após fracasso da tentativa de mediação, ocorre o #LiberaNuvem – um protesto nas redes sociais organizado pelos antigos coordenadores da Casa Nuvem. No mesmo período, Indianare estava em campanha eleitoral.

Neste longo período, o caso foi publicamente discutido entre as partes nas redes sociais, mais notadamente no *Facebook*, palco principal de acirramento do conflito. Isto significa que o “sigilo” envolvendo o Caso na Comissão de Ética encontra-se, por força das circunstâncias, bastante fragilizado.

2 - Metodologia adotada

A atual Comissão (2018 a 2020) recebeu alguns casos não analisados pela Comissão anterior (2016 a 2018), entre eles, a denúncia apresentada por Isabel Ferreira Zarzuela e [redacted] contra Indianare Siqueira. Ao iniciar os trabalhos, a Comissão me designou como relatora para acompanhar o caso, e deu início à marcação das oitivas para ouvir as partes envolvidas e suas testemunhas.

As oitivas foram realizadas de forma presencial no RJ com Indianare Siqueira e suas testemunhas; com Isabel Ferreira Zarzuela e [redacted], denunciantes, e suas testemunhas, as oitivas foram realizadas por Skype, pois ambos e uma das suas

testemunhas se encontram fora do Brasil. Registra-se que algumas testemunhas chaves para o entendimento do Caso, indicadas pela denunciante, se recusaram a prestar depoimentos ao saber que seu anonimato não poderia ser assegurado pela Comissão de Ética.

As oitivas foram precedidas pela leitura e análise do material apresentado pelas partes;

De acordo com o método estabelecido para a realização das oitivas, as/os membras/os da Comissão de Ética explicaram o processo, que envolvia o relato livre dos depoentes seguido de perguntas com o objetivo de elucidação de dúvidas. Não houve limite de tempo pré-estabelecido para os depoimentos.

Todas as oitivas, presenciais e virtuais, foram gravadas e posteriormente analisadas.

Para a análise do caso e construção do relatório, adotamos os seguintes eixos centrais de análise: 1) Ocorreu uma invasão ou uma ocupação do imóvel? 2) Neste processo, ocorreram ameaças, ou não? Para ao final do relatório responder a questão que cabe à Comissão de Ética: houve ou não violação da ética partidária? Assim, ao buscar respostas para estas questões, a relatora tomou como objeto de reflexão a análise da conduta ética da filiada denunciada, considerando ainda a sua condição de figura pública.

Ainda sobre a construção do relatório, vale registrar que as advogadas de Indianare, Maria Eduarda e Eloísa Melino, participaram das oitivas acompanhando a denunciada e suas testemunhas. No entanto, a relatora considera, para fins de produção deste relatório, apenas os elementos verbalizados pelas testemunhas. Ou seja, conclusões sistematizadas pelas advogadas não foram consideradas.

Registra-se, ainda, que foram realizadas oitivas com membros da Executiva do PSOL Carioca, pois esta instância já havia dado tratamento ao Caso em julho de 2017.

Ao todo, 13 oitivas foram realizadas.

Por fim, todo material recebido e o material produzido pela Comissão foi analisado.

3 - Histórico do processo no PSOL

21 de novembro de 2016 - a denúncia contra Indiana Siqueira foi encaminhada pelos denunciantes Isabel Ferreira e à direção municipal do PSOL-RJ.

11 de julho de 2017 - acionada por Izabel Zarzuela, a Executiva do PSOL Carioca se posiciona acerca do conflito envolvendo as militantes Isabel Zarzuela e Indianara Siqueira. A “ocupação” do espaço Casa Nuvem por Indianara e o não pagamento do aluguel havia gerado uma dívida até aquele momento, no valor de R\$ 56.926,91. A Executiva do PSOL Carioca se posiciona sobre o caso nos seguintes termos:

- *Que os atuais responsáveis pela Casa Nem resolvam a pendência rapidamente haja vista que já havia compromisso anterior em regularizar os débitos e o último acordo, expirado em 05/05/2017, não foi cumprido.*

- *Que não sendo possível resolver a questão financeira e a constituição de um novo contrato, que seja entregue o imóvel ao proprietário.*

O Partido como sempre está comprometido com o fortalecimento de atitudes que se pautem pela ética, diálogo e transparência.

5 de setembro de 2017 - o envia a denúncia à então Comissão de Ética Nacional.

12 de março de 2018 - Veraci envia, mais uma vez, o caso, agora para a atual Comissão de Ética Nacional.

14 de junho de 2018 - a atual relatora recebe o caso e dá início aos trabalhos.

4 - Princípios

O PSOL tem como uma de suas marcas a defesa intransigente dos direitos da comunidade LGBT e das pessoas trans em particular. E não poderia ser diferente, enquanto partido de esquerda, comprometido com a vida. Atuamos no contexto de um país que lidera em assassinatos de pessoas trans.

Na luta pela afirmação da liberdade sexual, o PSOL foi o primeiro partido a apresentar cenas de beijo entre pessoas do mesmo sexo em programa eleitoral em rede nacional. É o único partido com um parlamentar assumidamente gay, comprometido com a diversidade sexual: o deputado Federal Jean Wyllys. O partido tem LGBT eleit@s como deputado, um prefeito e vários vereadores/as, e também dirigentes partidários.

Assim, temos na luta LGBT uma importante atuação. E neste campo como nos demais, O PSOL tem como princípios norteadores da práxis militante o diálogo, a transparência e a ética.

5 – Material Produzido (depoimentos)

Entende-se como material produzido as oitivas realizadas pela Comissão de Ética, envolvendo a parte denunciante, a denunciada, testemunhas de ambas, e dirigentes do PSOL Carioca. Todas as pessoas listadas abaixo:

1. Isabel Ferreira, denunciante; já apresentada no início deste relatório;
2. [redacted] (Idem)
3. Indianare Siqueira. Denunciada. (Idem)
4. [redacted] (testemunha indicada por Isabel e [redacted]); membro da Casa Nuvem, e locatário no contrato. Formado em *design* pela PUC, trabalha como

5. [redacted] testemunha indicada por Isabel e [redacted]; responsável pela associação de Indianare à Casa Nuvem; [redacted] Era a responsável pelo gerenciamento da Casa, especialmente em 2015 quando Isabel esteve na Espanha;
6. [redacted] (testemunha indicada por Isabel e [redacted]). Esteve na Casa Nuvem desde o início dos trabalhos, mas não foi um dos fundadores. Participava

7. [redacted] (testemunha indicada por Indianare). Natural de Belo Horizonte. Travesti, prostituta, veio para o Rio de Janeiro para trabalhar. Através da ONG Afro Reggae conheceu Indianare enquanto apresentava o Prepara Nem, um projeto de escolaridade para pessoas trans. Por meio este projeto retoma os estudos. Atualmente trabalha na Prefeitura do Rio de Janeiro. Participa de

- movimentos sociais. Testemunha de Indianare, a quem tem como “melhor amiga, mãe e irmã”.
8. Marcela Canário Pataxó ou “Má Camargo” (testemunha indicada por Indianare). Militou no Ponto de Cultura juntamente com Eduardo Bonito e por este chegou à Casa Nuvem. É militante da área de Cultura, e feminista. É antropóloga, pesquisadora. Deu aula de yoga na Casa Nuvem e, posteriormente, na Casa Nem. Nesta Casa conheceu e se tornou amiga de Indianare. Foi “mediadora” no conflito e tentativa de transição de nomes nos contratos.
 9. Mariana Santareli (testemunha indicada por Indianare). Fez parte da Casa Nuvem desde o início. Era “muito amiga da Isabel e do Edu”. Responsável pelo Projeto Ateliê de Dissidências Criativas, o viés mais político da Casa e, por isso, com relação mais próxima a algumas pautas do PSOL. Trabalhou no Ibase, com políticas sociais, na área da segurança alimentar, etc. É consultora e acadêmica. Também atuou na Comissão. Aderiu ao Projeto Casa Nem.
 10. Evelin Costa (testemunha indicada por Indianare). Por divergência, saiu da Casa Nuvem no final de 2015. Deu aula de fotografia no Prepara Nem, pelo Projeto Sarau Fotográfico e Laboratórios de fotografia; fez a produção do “Curta Cinema”. Também compôs a “Comissão”. Um dos nomes articulados para assumir o Contrato da Casa.
 11. Laura Estrolábio dos Santos (testemunha indicada por Indianare). Advogada, militante do movimento negro; articuladora de um protesto que envolveu ocupação do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica em abril de 2016 contra uma exposição do artista Rafugo, caracterizada por esta como racista.
 12. [REDACTED]. Direção Do PSOL RJ. Compôs uma Comissão aprovada pela Executiva Municipal, em 2017, e que tinha como objetivo conversar com a filiada Indianare e tentar resolver o conflito em torno do atraso do pagamento dos aluguéis.
 13. [REDACTED] do PSOL Carioca. Compôs a referida Comissão.
 14. [REDACTED] Membro da Executiva Estadual do PSOL Rio de Janeiro. Assessor de [REDACTED]. Esteve em luta comum com Isabel Ferreira, da Casa Nuvem, na luta comum pela CPI dos ônibus. Compôs a Comissão.

6 - Material Coletado

Neste relatório considera-se material coletado todos os documentos produzidos pela parte denunciante, pela defesa e também por membros que compõem a direção do PSOL carioca. Ou seja, todo o material encaminhado à Comissão de Ética. A saber:

Da Parte Denunciante:

- “Denúncia à Comissão de Ética do PSOL Nacional sobre Crimes Cometidos por Candidata a Vereadora do PSOL na Cidade do Rio de Janeiro e Pedido de Apoio a Vereadores, Deputados e Companheiros do PSOL RJ”;
- Dossiê “Uma Nuvem que “virou” Nem, memória do golpe”, que tem como fonte “seleção de posts, e-mails, trechos de conversas de WhatsApp e de chats de Facebook”;
- Sentença da ação de despejo;
- Denúncia sobre a Casa Nem sob o encargo do Ministério Público Estadual;

Da defesa:

- “Notificação para apresentação de defesa junto à Comissão de Ética”;
- “PSOL Candidate a Indianara: queremos votar em mulheres trans” (Post *Facebook*);
- Comprovantes de TED: transferência de R\$ 13.000 em 01/12/2016; transferência de R\$ 6.500 em 11/07/2016; transferência de R\$ 6.208 em 20/06/2016; transferência de R\$ 6.010 em 16/05/2016; transferência de R\$ 6.600 em 22/04/2016; transferência de R\$ 25.000 em 20/03/2017.
- Revista Brejeiras: “PSOL Candidate a Indianara: queremos votar em mulheres trans” (Post *Facebook*);
- Eleições sem travestis e transexuais também é golpe. Matéria de Neto Lukon (Post *Facebook*)
- Nota do PSOL sobre o indeferimento da candidatura de Indianare Siqueira pelo Diretório Estadual do PSOL do RJ. (Post *Facebook*);
- Defesa Técnica apresentada pela advogada Maria Eduarda Aguiar da Silva.
- Procuração.

Do PSOL Rio de Janeiro

- *Email* com o seguinte Assunto: “Encaminhando solicitação para a Comissão de Ética”; 12 de março de 2018.
- *Email* com o seguinte Assunto: “Encaminhando solicitação para a Comissão de Ética”; 05 de setembro de 2018.
- Nota da Executiva do PSOL Carioca: “Às companheiras filiadas ao PSOL que compõem a Casa Nem”, 11 de julho de 2017.
- Print de *Whatsapp* enviado por Indianara a Isabel Lessa
- Posts de Indianara no Facebook contra o PSOL
- Nota do PSOL sobre o indeferimento da candidatura de Indianara a deputada federal

7 - Dos Argumentos e Elementos Apresentados pela Denúncia

Destacaria, em primeiro lugar, que o/a denunciante reconhece a relevância do trabalho social e político realizado por Indianara, sua representatividade e a importância da Casa Nem para as mulheres trans. Ou seja, o que está em questão na denúncia é o método utilizado para viabilizar o projeto Casa Nem e os desdobramentos deste processo. A instrumentalização da pauta trans, a acusação generalizada de transfobia, o uso da transfobia para desestabilizar o grupo, dividi-lo e forçá-lo a desocupar o espaço, o uso de ameaças, “tortura psicológica”, calúnias e difamações, ou seja, todo o processo que levou à “apropriação do espaço físico e simbólico de uma casa coletiva” (Dossiê, p. 4) Izabel Ferreira e acionaram a Comissão de Ética do PSOL para denunciar, entre outras questões, e conforme peça de denuncia (págs 1-2):

“1. Os crimes cometidos por Indianara **desde dezembro de 2015** com o objetivo de se apropriar do nosso espaço: ameaças, injúrias, difamação, calúnia, e a destruição de um dos poucos espaços autônomos que existiam na cidade.

2. Apropriação indébita da parte dos nossos pertences por valor de mais de 10.000 reais. Ameaças à pessoa que foi tentar negociar a retirada dos bens.

3. **Após o golpe, durante mais de oito meses guardamos silêncio** com a esperança de que Indianara cumprisse sua promessa de assumir o contrato de aluguel e as contas, mas, ainda hoje, continuam no nosso nome.

4. Que além de ser coagidos a entregar nosso espaço, **estamos sendo processados pelos proprietários do imóvel para nos obrigar a pagar os mais de 20.000 reais em aberto entre aluguéis e contas atrasadas** e juros que aumentam a cada dia que passa.

(...)

6. A continuação das ameaças, mentiras e difamações durante a campanha a vereadora pro PSOL e o linchamento sofrido por parte de Indianara e suas seguidoras das pessoas que ousamos falar dos fatos e exigir publicamente o cumprimento da promessa de assumir o contrato de aluguel.

(...)”

Para fundamentar a denúncia, Izabel e apresentaram um Dossiê com mais de 40 páginas, no qual consta um cronograma de todo o processo e abundantes provas das ameaças feitas por Indianara. Com base neste documento e nas oitivas realizadas com ambos, sistematizamos os elementos que consideramos centrais na denúncia.

Ocorreu uma expulsão dos antigos associados da Casa Nuvem:

- ✓ As motivações para a apropriação da Casa Nuvem em 2016, um ano eleitoral:
1) a “necessidade de ter um espaço próprio no Centro da cidade para seus projetos e candidatura. E tem a ver com o desejo de que esse espaço fosse a Nuvem pela relação afetiva que tinha com a casa, pela sua localização, e pelo que ela fala num dos seus posts: “para que vou fazer o difícil se posso fazer o fácil?” (Dossiê, p. 4). 2) Apropriar da “carga simbólica”, de “todo o simbólico da Nuvem e os seus fetiches: o tesão de fazer política através do corpo e do prazer...” (Dossiê, p. 4).
- ✓ O processo se gesta a partir de meado de 2015. No primeiro semestre deste ano, Indianare participa de uma avaliação virtual realizada pela Casa Nuvem, e a avalia positivamente. Segundo este relatório, a Casa oferece espaço e liberdade, que a Casa aceita as pessoas “sem restrições”. Ela afirma que leu e assinou o contrato da Casa, avalia as plataformas de participação da Casa como muito eficientes e todos os meios de comunicação da Casa são eficientes, exceto a lista de *e-mails*. No segundo semestre, tem início as atividades do Prepara Nem no espaço da Casa Nuvem. Neste período, a casa já era muito frequentada pelas alunas do projeto. E em 2015, Izabel se ausenta da Casa, pois estava no exterior. Lívia assume a gestão da Casa e posteriormente também se ausenta.
- ✓ Segundo declara Izabel durante a oitiva: “Ela (Indianare) queria uma carta de apresentação para ter uma candidatura forte.”. E acrescenta: “o Prepara Nem era a carta de apresentação dela. O projeto estava tendo bastante sucesso. Estava sendo bem recebido. Era uma coisa super potente. Ela começou a pensar como seria o Projeto Nem na Casa Nuvem. Ela pensou na sustentabilidade política de

ter o Projeto Nem na Casa Nuvem. E viu a oportunidade de ficar com a Casa. Viu que a gente era frágil.”

- ✓ A presença de Indianara na Casa foi fator decisivo no processo. Ela passou a dormir em um dos quartos, mas, pelo contrato, a Casa não era local de moradia. Segundo relato de Izabel, Indianare acabou usando um dos quartos como “seu espaço no Rio de Janeiro”. Estava sempre presente, e se tornou a pessoa que abria portas, etc. E a sua relação com o espaço vai mudando. Entre outras coisas, Indianare passa a usar a Casa sem informar previamente na agenda como era prática na Casa. Outros exemplos: limpa uma geladeira e coloca nela um cadeado como se fosse sua.
- ✓ Final de 2015, a assembleia delibera pelo aluguel de 2 ou 3 dos espaços da Casa Nuvem, assim abre um “**edital de espaços**”. A proposta do edital tinha como objetivo a sustentabilidade da Casa Nuvem, ou seja, fins de arrecadação. Mas, Indianara entendeu o “edital”, e também um “faxinão” que ocorreu no final de dezembro, como mais uma expulsão na sua vida. Em *email* à Casa Nuvem, dia 18 de fevereiro, Isabel relata o seguinte: “Ela [Indianara] chegou a falar com xxx¹ que esse movimento todo (o edital de espaços, arrumação - melhor organização da casa, etc) ela o vive como uma expulsão - uma a mais - e com certeza isso toca uma tecla bem profunda que pode explicar a carga emocional de tamanha agressividade.” (Dossiê, p. 38)
- ✓ Ainda em 2015, Indianare passa a usar as redes sociais para denunciar a Casa Nuvem de silenciar opressões; em seguida, faz denúncia de transfobia após uma festa do Prepara que foi bastante esvaziada sem participação de associados da Nuvem. Mesmo avaliando os meios de comunicação da Casa como eficientes, Indianara não os utiliza para pautar a questão da transfobia. Ao contrário, os meios de comunicação foram utilizados para agredir verbalmente, usando expressões violentas. Passa a chamar associados de *cis nojentos, babacas*, etc. Aí, dicotomias do tipo *cis x trans*, Prepara Nem x Casa Nem já estavam aparecendo nos discursos de Indianare.
- ✓ Tudo isso, leva Izabel, já em janeiro de 2016, a afirmar durante Assembleia da Casa Nuvem, que “a Casa estava sendo ocupada conosco dentro.” Sobre isso, afirma: “a minha sensação é que a Casa já estava ocupada desde janeiro, no

¹ Alguém da Casa.

sentido de uma pessoa que está ocupando a Casa sem fazer parte da Casa”. Nesta assembleia, da qual Indianare não participou, e que tinha como pauta a construção da Agenda de Carnaval 2018, discutiu outro tema: a expulsão de Indianare. Não consensual entre os associados, inclusive porque Indianare não estava presente para fazer sua autodefesa. Mas, também porque se temia que a expulsão fosse usada para causar um racha no grupo.

- ✓ Em janeiro, Indianare interrompe o diálogo “olho no olho”. Escreve aos associados informando que se comunicará apenas por mensagem.
- ✓ A “consumação do Golpe” vai se realizar durante a agenda da Casa Nuvem no Carnaval de 2016. Um dos principais meios de arrecadação da Casa era o bar, o qual recebeu investimentos no ano anterior. Por ser carnaval, a casa deliberou que não cobraria pela entrada na festa. No evento, ocorre uma briga entre duas mulheres trans amigas de Indianare e um homem não conhecido da Casa Nuvem. “houve uma troca de socos, e que uma delas (mulheres trans) quebrou uma garrafa, cortou -se a mão e rasgou as costas do homem.” (Dossiê, p. 11). Izabel entende que a mulher trans que se cortou na festa, foi usada por Indianara para “fabricar mais um ato de guerra”. (Dossiê, p. 11). Indianare não participou da festa, mas foi acionada por **Mariana**, chegando ao local já no final da festa. Brigou com os associados da Casa, acusou a Casa de transfobia, mesmo considerando que já estava sob cuidado médico, mesmo considerando que o homem agredido havia saído do espaço.
- ✓ Após o conflito na referida festa, nenhuma solicitação de debate coletivo sobre a pauta transfobia foi apresentada por Indianara a seus pares da Casa Nuvem. Houve uma clara opção pelo não debate coletivo. Ao contrário, passou a explorar o conflito nas redes sociais, disseminando “boatos de transfobia”. (Cf Dossiê, p. 15). Estava clara opção já declara por Indianare por “dividir” e “agredir o máximo que puder” (Cf Dossiê, p. 15).
- ✓ É neste contexto que surge o lançamento da campanha “Sangue nas Nuvens”, dia 07 de fevereiro. “um chamado de boicote ao bar da Casa Nuvem”; esta campanha significava um ataque às suas finanças que tinha na venda de bebidas um meio de arrecadação. O **“vilão da história não foi o homem** (um desconhecido) que fez a agressão, nem sequer os responsáveis da festa dessa noite, nem sequer as pessoas da Nuvem que estavam curtindo a festa, ou outras pessoas do movimento LGBT, que eram parte da Nuvem “ampliada” e que

também estavam na festa. **O vilão foi “A NUVEM”**”. Segundo o Dossiê, na p. 18, a escolha desta data para realização da Campanha “Sangue nas Nuvens” não se deu ao acaso. Seria lançada uma campanha de sustentabilidade da Casa Nuvem, o que seria feito logo após o Carnaval – e isso a fortaleceria.

2 O processo foi viabilizado por meio do uso da violência, de ameaças, do uso de escrachos, etc.

- ✓ Uma “campanha de difamação foi fabricada para fragilizar o grupo, criar racha, e ficar com seu espaço.” (Dossiê, p. 2). **O uso da transfobia como “arma política”** teve lugar central na estratégia de Indianare. Fez várias acusações contra a Casa Nuvem: de transfobia, de silenciar opressões, de assédio, etc.; Mas, “NUNCA fez um *post*, um *chat*, um *e-mail*, etc., nem para o grupo, nem para nenhuma pessoa da Nuvem com uma proposta de abrir um debate interno, ou levar a assembleia algum caso de assédio ou de transfobia ocorrido dentro da casa. **Se tiver feito, é só para mostrar publicamente.**” (Dossiê, p. 10); A acusação de transfobia era a justificativa produzida para legitimar a “ocupação” da Casa Nuvem;
- ✓ Todo o processo foi acompanhado de ameaça de todo tipo. Ameaça de escracho nas redes sociais e **“escracho público”** em frente à Casa Nuvem. (Cf Dossiê, p. 14). No mesmo Dossiê, em uma conversa sobre a já mencionada faxina, Indianara afirma: “Vai ser escrachado otária. E vou fazer questão de saber quando vc vai estar na casa para chamar as travas e te escrachar.” (p. 33). E a efetivação do escracho virtual público. Veja como Izabel foi *marcada* num *post* de Indianare no Facebook: *“ Fizemos uma festa Transvertigeneres e as pessoas da Casa Nuvem transfóbicas não fecharam com as travestis. Né Isabel Ferreira. Não. Assumam que vcs querem que as transvestigeneres se FODAM.”*
- ✓ , afirmou, que “Indianara fala de transfobia, que as pessoas não participavam dos projetos dela. Mas, as pessoas não participavam um do projeto do outro. A Indianara nunca ia no Dissidências. A Indianara não ia no Tri-Ciclo. Não ia nos cursos de fotografia da Évelyn. Em nenhuma outra atividade que não era o Prepara Nem. Ela sim participava da ajuda das festas que muitas delas remuneravam as pessoas que trabalhavam na festa.” E reafirmou o que consta no Dossiê: nenhuma acusação de transfobia foi apresentada como pauta à assembleia da Casa Nuvem. Nem aos demais meios de comunicação da Casa,

mesmo avaliando estes meios como ótimos (cf. dossiê). O *watts* foi usado por Indianara apenas para agressão.

- ✓ O “uso da violência como tática política”. Sobre isso, o Dossiê apresenta na p. 44, o seguinte comentário feito por Indianara: **“Se não posso ser violenta não é minha (trans)revolução.”** O dossiê apresenta vasto material com declarações do tipo: *“Que os cisgeneres sejam agora escravos de pessoas trans.”* (12 de janeiro de 2016); *“(...) Vou detonar vocês (...)”* e *“E vou tacar fogo na Nuvem transfóbica com vocês dentro. Queimem miseráveis exploradores da miséria humana.”* (16 de janeiro de 2016). Uma publicação feita por Indianare no dia 28 de fevereiro intitulada *Ocupação da Casa Nuvem* afirma (...) ***SOFREREMOS TRANSFOBIA E SE TIVERMOS QUE SANGRAR OU MORRER,QUE ANTES MORRAM E SANGREM CISGENERES TRANSFÓBICOS. PREPAREM OS GARGALOS E QUE COMECE A SANGRIA. SE NÃO POSSO SER VIOLENTA, NÃO É MINHA (TRANS)REVOLUÇÃO (...).*** Em oitava, Izabel relembra outras ameaças como: *“Boicotar seus projetos não é ameaça. É aviso. E vai ser cumprido. Abraços.”* Ou *“Prepara a pipoca porque tô sentindo que tem mais escracho racista por aí. kkkk”*.
- ✓ Após a ameaça de “tacar fogo” na Casa, um dos associados foi imediatamente retirar os seus equipamentos que estavam no espaço. Ou seja, associados temiam Indianare. Para Izabel um momento violentíssimo foi a Campanha Sangue nas Nuvens. A campanha realizada por meio do *Facebook* trazia a imagem de uma mão suja de sangue com a seguinte frase: *“Não compre bebida de quem não reage frente à transfobia. Suas mãos se sujarão de sangue trans.”* A mensagem foi lançada por Indianara, ainda sócia da Casa Nuvem, e publicada por ela através da página da Casa – a qual ela tinha acesso.

3 O espaço não foi cedido “de boas” à Indianare.

- ✓ Segundo Izabel, “a principal razão de que a gente deixou o nosso espaço foi medo à violência e a nossa incapacidade absoluta de lidar com a violência”. *“Medo de em uma festa qualquer onde de novo acontece o mesmo bafó – palavra de . E alguém querido, alguém da Nuvem, ou meu companheiro é agredido com uma garrafa porque aconteceu uma questão transfóbica.”* *“Para mim e pra Lívia, sobretudo, era muito claro que a gente tinha que, depois da agressão, tinha que fechar a Casa. Era pela extrema violência do*

que aconteceu. A gente falava: Qual será a próxima agressão? E, se ao invés das costas, ela () tivesse atingido o pescoço?"

- ✓ “A nossa expulsão do nosso espaço não teria acontecido se não fosse a entrada da turma “barra pesada””. Interrogada sobre o que significa isso, afirma “pessoas de adesismo acrítico, seduzidas pela retórica da violência de maneira acrítica”. Isabel temia a “tropa de choque” de Indianare.
- ✓ Em *post* Indianare afirma: “(...) Vocês me subestimaram (...) Posso **expulsar** vocês desse beco com um piscar de olhos. Ainda estou decidindo se vocês permanecerão no Beco do Rato, na casa Nuvem. Nojentos transfóbicos de merda.” (Destaque nosso)
- ✓ Há, portanto, uma **expulsão** dos antigos associados da Casa Nuvem, inclusive dos fiadores do espaço. Ao invadir a Casa, Indianare trocou o segredo da chave da Casa, deixando-os sem acesso a ela. Para “Não houve transformação. Nem transmutação. Nem transição. Houve golpe. Houve coerção!”.
- ✓ É neste contexto que decidem em Assembleia encerrar o Projeto Casa Nuvem;
- ✓ Para um espaço que surge tendo com pauta a luta contra a violência policial no Rio de Janeiro, “a equação polícia x travesti era muito complicado”. Assim, optou-se por não judicializar o caso. Evitaram “chamar a polícia contra as mulheres trans que já estavam, de fato, morando na casa.” (Dossiê, p. 5). Dado que os fatos estavam consumados, buscaram “facilitar uma rápida substituição dos nossos nomes no contrato”. Para esta decisão consideraram outros fatores, como: “estado de choque, desorientação e abatimento profundo (...)” (Dossiê, p. 5); “**O Medo**. As poucas pessoas da Casa Nuvem que ousaram responder à campanha de ódio viraram rapidamente alvo de ataques. É fato que há medo de Indianara e da sua “turma da barra pesada” (...) (Dossiê, p. 6); “**O “divide e vencerás”**”. Duas pessoas da Casa Nuvem aderiram aos trabalhos da Casa Nem, dando “credibilidade às falsas acusações e aumentou a nossa desorientação (...)”; além das “divergências em relação a como contar os fatos (...). O que é melhor para acelerar nossa liberação do contrato de aluguel falar ou calar?” (Dossiê, p. 6)
- ✓ Em março de 2016, orientadas por um advogado, decidem por uma “estratégia que facilite uma rápida passagem do contrato de aluguel e das contas”. Define uma Comissão de Mediação. Três nomes ficaram responsáveis por costurar o

diálogo entre Casa Nuvem e Casa Nem: Evelin, Marcela e Mariana. Segundo [redacted], ele quis participar da comissão, mas Mariana não aceitou. [redacted] afirma que para facilitar a mediação, ficaram calados, mas ficar calado não funcionou! Indianara seguia enrolando a casa Nuvem. Foi “furada total”.

- ✓ Segundo [redacted] as membras da Comissão apoiaram a invasão. E por isso, questiona: “representavam interesses da Casa Nem ou da Casa Nuvem?” Para ele não houve tentativa de negociação séria. Entende a “mediação” como “dispositivo de coação e tortura psicológica” porque pelo acordo firmado deveriam ficar em silêncio para não prejudicar a mediação. Foi um processo enviesado, inclusive porque Mariana declarou apoio à invasão algumas horas após a invasão da Casa. “A gente achou que era bom ter uma mediação, mas no final das contas foi uma mediação que só atrapalhou mais porque deu tempo para Indianara criar muitos *fake news* e nos deixar parados.”
- ✓ A retirada dos equipamentos do espaço foi marcada por agressões e ameaças. Segundo [redacted] houve agressão a [redacted] uma associada da Casa. E ameaça a [redacted] “A Mariana, no dia que a gente foi retirar os equipamentos do Ponto de Cultura, eu fui pra frente da Casa Nuvem com uma van e alguns carregadores. E ela estava dentro da Casa porque já tinha havido um problema de agressão a [redacted] que tinha ido mais cedo começar a organizar os materiais que iam ser retirados, e aí então [redacted] ela saiu, vai para perto do caminhão e me diz: “Saia daqui já porque se [redacted] eu não me responsabilizo pelo que elas podem fazer com você. Então, acho que foi a segunda ou terceira vez que eu me senti ameaçado.”
- ✓ (...) Me deixaram realmente com medo! Tenho medo, até hoje. Houve essa agressão à [redacted] nesse mesmo dia que a Mariana me fez ameaça. A reincidência das ameaças (...). Foi por isso que fiz um BO (Boletim de Ocorrência) de ameaças. Me senti na obrigação de fazer um BO sobre as ameaças.”
- ✓ “(...) a minha vida na rua começou a ser restringida, por exemplo, eu fui num show no Círculo Voador, onde tinha um grupo de [redacted], não sei quem eram, que começaram a gritar “Casa Nem, Casa Nem” e cuspiram na gente! Eu comecei a sentir que os escrachos todos aos projetos [redacted] [redacted] eu comecei a sentir realmente que a minha circulação na cidade estava complicada. Eu sabia da agressividade das trans que vivem na Casa Nem. Eu vi

histórias de agressões que aconteciam entre elas, e passei a não duvidar de que alguma coisa pudesse acontecer comigo. Ouvi também vários colegas dizerem que também estavam com medo de andar por essa região. Uma vez eu coloquei uma postagem Associação de Vizinhos da Rua denunciando Indianara e o que estava acontecendo, dizendo que eu estava ameaçado e que tinha medo de ir lá, e a Indianara confirmou “Ameacei sim e ameaço de novo. Apareça aqui!” Ou seja, existia um reforço das ameaças o tempo todo! Algumas vezes eu andava na rua à noite, saía do Panorama, e via pessoas me olhando, e eu já não sabia se alguma coisa podia acontecer. Fiquei muito tempo em casa, sem sair. Esta última vez que voltei para o Rio entre fevereiro e março de 2018, eu continuei com o mesmo medo, praticamente não saí de casa. Realmente, eu sinto que o meu ir e vir está complicado dentro da cidade do Rio de Janeiro.”

- ✓ Avalia que as “ameaças tinham vários objetivos, mas o principal deles era garantir o nosso silenciamento, e não só o nosso, mas, principalmente de toda a comunidade da Casa Nuvem porque sendo ameaçado, e as pessoas vendo como nós estávamos nos sentido, elas também deixariam de poder se pronunciar. E não era só os membros, e ex integrantes da Casa, mas também centenas de pessoas que eram a favor da nossa visão e que muitas delas me escreviam. Eu tenho várias mensagens de pessoas que diziam “Ah eu tenho vontade de falar, mas eu tenho medo de acontecer o que está acontecendo com vocês” “Eu queria falar, mas eu tenho preocupação porque eu tenho um trabalho e eu não posso ser escrachado na rede social. As ameaças funcionaram dentro desta estratégia de silenciar todas as pessoas que fossem contra essa narrativa *fake news* que foi criada e que não pode ser combatida durante os sete primeiros meses através do dispositivo da mediação, por um lado com a esperança de que as coisas fossem resolvidas, e por outro lado pelo medo dos escrachos, dessa sensação de que você não pode trabalhar e dessa sensação de estar correndo risco físico.”
- ✓
- ✓ Indianare fabricou “um pacote de fofocas-bombas” (Dossiê, p. 24) usado como uma “densa cortina de fumaça que oculta as questões essenciais que estão em jogo: todo um coletivo é hackeado violentamente para roubar o seu espaço bem na frente dos teus olhos, e você nem percebe!” (Dossiê, p. 25)

8. Dos Argumentos e Elementos Apresentados pela Defesa

Que não houve expulsão; mas uma ocupação

Argumento 1: A Casa Nuvem já estava em processo de entrega

- ✓ “a casa já estava em processo de entrega. [] (locatários) (...) já tinham falado que não queriam mais a Casa, que já estavam saindo do Coletivo, e quem ia pegar a Casa era justamente o [] a transformar a Casa em uma boate. Nessa discussão toda Isabel falou pra mim que eu estava querendo disputar território. Eu falei para ela que aquele território já era meu, que eu já tinha me prostituído ali a juventude toda. Que aquele território era mais meu do que dela e que eu ia decidir se eles iam continuar no Beco do Rato. Aí chamei as travestis para fazer a ocupação de 72 horas legais primeiro e depois declarar a ocupação da Casa. Então, eu declarei a ocupação da Casa. Aí, algumas pessoas da Nuvem vieram, teve a conversa e programaram de pegar as coisas”. (Depoimento Indianare)

Argumento 2: Não houve expulsão, pois a Casa estava vazia

- ✓ “Na realidade a Casa estava vazia. (...) As pessoas não moravam na Casa. A Casa não era de ninguém. Então, não houve *Ah, roubaram a nossa Casa*. Passaram na internet que as pessoas que leem pensam *Ah, as pessoas moravam na Casa e agora ficaram sem teto*. Não é isso que aconteceu. Como a Casa estava realmente vazia, como o carnaval com tudo isso que aconteceu, a questão da transfobia, que eu ia fazer um escracho em frente à Casa se as festas continuassem sem que a gente discutisse as questões das agressões, eu falei que não era legal que as festas continuem sem que a gente discutisse isso e continue promovendo um carnaval onde vai acontecer tudo novamente: transfobia, agressões, etc e tal. Então, as festas foram canceladas. E a Casa estava vazia. E eu vim pra Casa Nem com as travestis, viemos do Egito no dia, e aí a gente ficou na Casa e aí como eu já estava tendo essa briga toda, eu decidi ocupar a Casa e informei: a Casa estava ocupada a partir de agora. Troquei a fechadura. Chamei o chaveiro e pedi para trocar o segredo da fechadura”. (Depoimento Indianare)

Argumento 3: Que os associados da Casa Nuvem saíram espontaneamente

- ✓ “Em protesto [à “agressão transfóbica a duas travestis”] o Coletivo Prepara Nem ocupou o espaço, sendo certo que é **fato incontroverso e confesso** que a **Casa Nuvem saiu espontaneamente do espaço (...)**” (Defesa Técnica, p. 3)
- ✓ “**o imóvel foi espontaneamente desocupado pela Casa Nuvem**” (p. 3). Foi “desocupação voluntária” (Defesa Técnica, p. 4).

Argumento 4: Houve uma ocupação seguida de acordo;

- ✓ “não houve “invasão”, mas e sim uma ocupação, mediante e ou acordada troca de gestão do espaço (...)” (Defesa Técnica, p. 4)
- ✓ “A invasão não houve. O que houve foi uma ocupação e um acordo deles. Como o coletivo já estava se separando, então que continuasse agora como Casa Nem. Só que daí começam todas essas brigas, ataques de Isabel e de E todos os ataques na internet que inviabilizaram todo o processo de transferência de contrato.” (Depoimento de Indianare) [Afirma que no momento da ocupação a casa já é declarada Casa Nem. Que só passa a abrigar trans após a ocupação, no final do mês de fevereiro, num final de semana.]
- ✓ Mas reconhece que avisou a Casa Nuvem que sairia para criar outro equipamento: um abrigo para mulheres trans. Já tinha visto num espaço “na Frei Caneca”.

Acusa a Casa Nuvem de Transfobia

- ✓ Menciona dois casos de opressão: a violência sofrida por uma faxineira da Casa Nuvem e a agressão a uma trans numa festa na Casa Nuvem. Mas, não apresentou provas comprovando ter solicitado reuniões à Casa Nuvem para discutir a questão da LGBTfobia;

Razões que inviabilizaram o cumprimento dos acordos para que a transição no Contrato se realizasse

Argumento 1: Izabel seria a responsável por inviabilizar a mudança no contrato. Isso teria sido viabilizado por meio de ataques virtuais, desmobilizando as novas fiadoras;

Fiadora 1: Evelyn, Casa Nuvem e apoiadora Casa Nem.

- ✓ “Só que ela estava grávida, e esses ataques, enfim, uma mulher grávida, por todo processo que passa, sozinha, etc e tal, ela foi desgastando e chegou um momento em que ela falou: *olha, infelizmente não vai dar para ser mais a fiadora, está*

tendo muitos ataques, a Bel² veio in box me falar um monte de coisas, me atacou, etc e tal.” [Indianara afirma não ter ido à primeira reunião de negociação por estar sem fiadora - ou seja, por conta da desistência de Evelyn.]

Fiadora 2: Isabel Vieira, colega jornalista.

- ✓ “Aí, Isabel Zarzuela começou outra vez com os ataques. E voltou. E a gente fazia festas, fazia coisas para poder arrecadar o dinheiro para pagar o aluguel, que ela fala que os aluguéis não foram pagos. Mas, foram pagos até determinado tempo. Foram mais de 60 mil reais, se não me engano. Até que começaram esses ataques todos na internet. A imobiliária, como eu já não comparecia a duas reuniões, eles disseram que eu não servia mais como locatária.” (Depoimento Indianare)

Outra possibilidade apontada para a solução do problema: eleger-se vereadora.

- ✓ Mas, “ataques massivos” foram realizados contra a sua Candidatura. [Refere-se à Campanha #Libera Nuvem]. “E as pessoas diziam: *Será que realmente vocês querem que ela mude o contrato? Parece que vocês querem o contrário. Parece que vocês querem só provocar pra que ela não tenha condições inclusive de se eleger, isso inclusive fortaleceria a Casa e ela conseguiria mudar o contrato. E vocês estão agindo contra vocês mesmos. Isso tudo a Isabel Zarzuela sendo fiadora ainda. Aí ela se retirou do contrato como fiadora e começou então o processo na justiça com a imobiliária. Todas as tentativas, as negociações, ou de arrecadação de dinheiro, foram inviabilizados pelos ataques dela na internet, e por todas as mentiras que ela contava na internet. Que eu roubei 10 mil reais em equipamento, que eu invadi, que eu agredi, etc e tal*”

Sobre o patrimônio da Casa Nuvem

Argumenta que todo o material foi retirado da Casa:

- ✓ “Ele mandaram duas vans e retiraram tudo. Retiraram computadores, retiraram as mesas, o Vinicius no outro dia voltou para buscar o som. Levaram os armários. Levaram tudo.”

Ameaças

² Refere-se a Izabel, a denunciante.

Afirmou não se recordar das ameaças:

- ✓ “Eu não lembro, mas a Isabel lembra. Ela disse que na ocasião eu disse que se a Izabel Zarzuela viesse ou aparecesse eu jogaria um balde de água fervendo e soltaria meus hottveilers em cima dela. (...) Na realidade eu não lembro, em momentos de tensão eu falo, mas eu não lembro. Mas, ela diz que eu disse e talvez eu tenha dito realmente porque já tem outras questões que eu já falei dessas situações.” (Depoimento de Indianare)
- ✓ “Vou pegar um gargalo, vou cortar vocês e expor as vísceras (...). Essas reações às respostas deles. Vou te jogar um balde de água fervendo na cabeça. São essas as acusações que eu faço de morte” (Depoimento de Indianare)

Em outros momentos reconhece ser “reativa”, e busca contextualizar seu comportamento.

- ✓ “Eu sou reativa. A vida que eu levo, ela me coloca realmente para reagir e eu reagia mesmo de maneira agressiva porque não é fácil viver perseguida a todo momento”
- ✓ “Eu acabo mandando se ferrar, eu sou agressiva, falo que vou tacar fogo, que eu vou rasgar, etc e tal (...)”
- ✓ “Eu reajo, eu sou reativa. A vida que eu levo não me dá outra opção senão somente reagir de maneira violenta até porque eu vivo sob tensão o tempo todo (...) “Ah, vocês vão ver. Venham aqui irritar a gente. Venham aqui tentar tomar a casa que vocês vão ver. Eu vou trancar vocês na casa. Eu vou tacar fogo dentro. Vem aqui encher o saco que eu vou jogar um balde de água fervendo na tua cabeça. Essas coisas.”
- ✓ “De onde eu vim e onde eu sobrevivi, na rua e nas esquinas, a gente não tem manual de polidez.”

Admite o temor das pessoas.

- ✓ “(...) essas que nos acusam, nem se aproximam.”

A festa de Carnaval

Afirmou não ter participado do carnaval porque a preparação da festa de carnaval não envolveu uma discussão sobre as opressões que vinham acontecendo nas festas na Casa. Afirmou que queria listar as opressões que não poderiam acontecer no espaço da Casa

Nuvem. Mas, que a discussão não aconteceu e, por isso, não participou da Festa de Carnaval de 2016 que resultou em violência a uma mulher trans. Após a ocorrência da violência, foi procurada e foi até a festa. E divergiu da postura de [redacted].

Durante oitiva, afirmou:

- ✓ “Eles começaram a falar que ia estragar a festa. Estavam mais preocupados com a festa (...), com o que eles iam ganhar ou perder, do que com a opressão que havia acontecido”

Confirma que as mulheres trans reagiram com violência ao episódio envolvendo transfobia:

- ✓ “[redacted] foram agredidas pelo cara e aí a Daniela Farias revida. Ela dá um soco no cara, seu eu não me engano. E a [redacted] quebra a garrafa para cortar o cara e parece que ela corta as costas dele. Ele é retirado do Beco”
- ✓ “Ela [redacted] quebra a garrafa e se machuca. Ela reclama do espaço. Que naquele espaço não poderia ter este tipo de agressão contra as travestis e as trans, que ali era espaço inclusivo, etc e tal.”

Afirma que quando [redacted] narrou o ocorrido a fala foi deslegitimada. Indianara chegou ao espaço. Pediu para que baixassem o som, e explicando que opressões não podem acontecer naquele local.

- ✓ “E as pessoas ficam preocupadas com a imagem. Isso vai acabar com a festa, vai ser prejudicial à festa. Estavam mais preocupados com a festa do que com o que aconteceu.”

Afirma que tentou fazer “conversas internas”: “Aí começa toda conversa interna. “Gente, a gente tem que conversar sobre isso. Isso não pode acontecer novamente. A gente tem que deixar uma placa na porta da Casa dizendo que isso não pode acontecer!””

Nega a existência de provas de agressões

Argumenta que não houve efetivação das ameaças.

- ✓ “jamais procederam qualquer registro de ocorrência” (p. 3).

Assume ter rompido com o diálogo;

- ✓ “É problemático, eu acho que a gente deveria ter dialogado mais. Eu acho que a gente deveria ter reagido no diálogo que foi rompido. E os ataques eles não deveriam ter sido feitos e nem direcionados às pessoas trans na Casa. Então, todas as vezes que atacarem a Casa, que exporem a Casa, a minha reação com palavras é uma, mas a minha reação com atitudes é outra. Será justamente procurar o Judiciário para resolver essas questões.” (Depoimento Indianare)

Reconciliação e reunificação das Casas

- ✓ A “reconciliação” entre Casa Nuvem e Casa Nem (Entrevista à Revista NLucom).

9. Relato das Testemunhas

Conflitos prévios ao Carnaval

Marcela, testemunha de defesa, aponta que havia desconfiança nas relações entre associados da Casa Nuvem (maioria) e Indianare:

- ✓ “Foi uma oportunidade interessante conhecer esse mundo trans, mais profundamente a a Indianara e outras pessoas porque é um mundo de muita dor, neh? E vem esse jeito de falar junto. E la era um ambiente burguês (...). E a Indianara traz essa questão toda da rua de um jeito que as pessoas iam flanando com a rua. E ela traz para dentro da Casa, e isso gera uma desconfiança. As prostitutas estão marcadas com essa coisa de roubo, assassinato, porque estão colados isso nelas.” (Marcela)

Já testemunha de acusação, aponta outros elementos relacionadas à relação de Indianare com a Casa:

- ✓ “existiu uma história de construir uma narrativa dentro do Prepara Nem que é “A gente, o Prepara” e “eles, os Nuvem”, sendo que Indianara era Nuvem, era associada e como nós, tinha a chave, as portas estavam abertas.”
- ✓ “Tinha vários problemas com relação com a utilização do espaço em relação a Indianara do tipo “Ah, chegou aqui e encontrou a geladeira suja, limpou a geladeira e colocou um cadeado”, tipo “Ah, eu limpei a geladeira, agora a geladeira é só minha”.

Para [] testemunha de acusação, um dos motivos é que associados da Casa Nuvem não concordavam com o uso da Casa como residência. E Indianara usava um dos quartos da casa com frequência. Afirmou durante a oitiva que desde novembro o ‘clima’ na Casa já estava conturbado.

O diálogo entre Indianara e a Casa era difícil porque Indianara faltava às Assembléias, inclusive numa assembleia no terceiro ano, alguém sugeriu expulsá-la. E a mesma não estava no espaço.

- ✓ “Indianara, por exemplo, (...) em pouquíssimas assembleias ela foi. Talvez duas ou três.” ([], Testemunha de Acusação))
- ✓ “Eu me lembro muito bem, alguém levantou a questão: “Vamos expulsar Indianara. Eu me lembro muito bem, essa assembleia foi duas semanas antes [da Festa do Carnaval], de eu defender Indianara porque ela não estava nem ali para se defender, né? Essa decisão não foi tomada, isso não aconteceu, e aí “Vamos falar com Indianara. Vamos fazer com que ela venha em uma assembleia, só que antes que isso acontecesse, aconteceu o negócio do carnaval.” (Idem)

A Festa de Carnaval: as muitas versões sobre a transfobia e a reação à transfobia

[] testemunha de defesa, relata o ato de transfobia na Casa Nuvem como “algo bem pesado” porque na Casa tinha o “acolhimento das pessoas cis”, “estavam se entregando a este outro mundo” [de acolhida a trans]:

- ✓ “A gente realmente confiou. Aqui é um lugar que a gente pode ficar a vontade. Se a gente quer ficar de calcinha, a gente pode. Se a gente quiser ficar pelado, a gente pode. Se quiser vim vestida de boneca de Olinda, pode! Aqui é um lugar que se pode! Eu sofri uma transfobia. A minha amiga não se contentou com esta transfobia e partiu pra cima de uma rapaz, e nesse momento o mais doloroso de tudo é que a gente, enquanto trans, a gente tem uma cobrança, a gente carrega uma estereótipo de marginalidade muito pesada. Tem um estigma da sociedade de quem nós realmente somos pessoas agressivas, escrotas, drogadas, vulgares. E aí essa mesma sociedade não pára para analisar que nós fomos privados de tudo o que é amor. A gente foi privado de carinho, de amor, do seio familiar, do convívio da sociedade. Então, não tem como a gente não reproduzir isso? (...)

Não tem como eu só mandar beijos para você se eu só recebo pedradas. (...) Daí, eu parti pra cima desse cara. E eu voltei para casa pedindo ajuda porque estava sangrando. E simplesmente mudou-se todo um outro lado da história. Aquela Casa onde me senti extremamente acolhida foi a Casa que me pediu para sair da portaria porque estava sujando a entrada de sangue e a festa precisava continuar.”

- ✓ “Enquanto trans a gente se sente um estrelado. Então, quando foi a nossa chegada vieram várias pessoas cumprimentar: “Você está linda” (...) quando chego na recepção, tinha um cara bebendo, ele me deu uma olhada, deu uma gargalhada bem alta, e disse “Ha ha, que palhaçada é essa? Ainda bem que é carnaval.” Isso é uma transfobia muito grave! Primeiro falar da palhaçada, não é? (...) E isso foi forte pra mim. Ele teria que me dar boa noite! Ou falar que eu estava linda! E aí, a minha amiga, que era bem mais fraca do que ele, não aceitou isso e foi pra cima dele. Foi onde ele conseguiu jogar ela no chão (...). Foi tão chocante. Tava uma movimentação de pessoas, e a única reação que a gente tinha era: Ou entrava e largava esse bofe pra ir, ou botava esse bofe pra fora da festa. Era a única colocação que a gente tinha naquele momento. (...) Ele desferiu um soco. E esse soco foi num momento pra tudo acontecer a Dani não iria aceitar a amiga dela apanhando, e depois de eu ver ele por cima da Dani, eu não ia aceitar uma situação daquela. (...)”
- ✓ Quando Dani foi “pra cima dele” fez isso no “sentido de empurrar e falar alguma coisa com ele. Foi o momento que ele desferiu um soco nela. Jogou ela no chão. E aí, a jogada dela no chão, pra mim, foi dolorosa. (...) Eu me cortei com a garrafa. (...) Tinha uma garrafa. Um dos nossos momentos de defesa porque foi assim que eu aprendi na rua, (...) quando um cara viesse, se eu não tivesse arma, quebra a garrafa e pula pra cima dele. Foi assim que a pista me ensinou. No nosso cotidiano, a gente não anda armada. Geralmente, quando tem um momento assim, a gente pega o que pode ser uma arma pra gente. Como ele já tinha batido nela, a reação que eu tive foi aquela arma naquele momento. Eu quebrei a garrafa, essa garrafa cortou o meu dedo, e eu fui pra cima dele com a garrafa.”

“Ele sangrou. Eu cortei ele também. Cortei, não. Cravei a garrafa e mandei ele ir embora. Falei “Pronto, agora você pode ir, meu filho porque já foi o bastante! Nesse espaço você está vetado de vim.”

A versão segundo as testemunhas de acusação:

De acordo com [] Indianara não fez propostas para a agenda do Carnaval. E não participou da festa. Lívia afirmou durante oitiva que, num contexto em que o cara já estava sangrando, [] gritava: “a festa tem que ter confusão”. Explica que se preocuparam em proteger [] porque ela deu a garrafada no cara, e isso era crime.

Segundo [] – que ouviu várias pessoas que presenciaram o ocorrido, pessoas que inclusive não eram da Casa – o “cara” envolvido no conflito era um desconhecido da Casa Nuvem. A festa era aberta ao grande público num período de carnaval onde o Rio de Janeiro abriga pessoas do país todo e até do mundo. O “cara” tinha sotaque mineiro. Não usava camisa.

- ✓ “No relato que eu tenho, ela [] não conseguiu cortar o rapaz. Mas, ela ia cortar, mas o cara saiu correndo. Mas, certamente, ela quebrou uma garrafa, se cortou para passar sangue HIV positivo para o cara, alguma coisa do gênero. Depois teve um show de horror, um banho de sangue na casa Nuvem. Ela esfregou sangue na casa toda, parece. (...) Partindo desse princípio, a gente também ficou com medo das ameaças de Indianara, né?” []
- ✓ “Foi de sexta para sábado. Por volta de uma da manhã, mais ou menos. Eu tenho áudio da [] que era uma das pessoas do Prepara Nem, na UPA de Botafogo agradecendo aos associados da Nuvem que ajudaram ela a ir no posto” []
- ✓ “O que aconteceu na sexta feira, ninguém fala nada no grupo de wathshap. Só no dia seguinte quando a Mariana Santarelli me liga dizendo que “Ah tem que parar o carnaval” - porque era todos dias de carnaval, e a Casa ia estar aberta, com dj etc e tal. “È pra parar o carnaval porque Indianara vai entrar na Casa e vai escrachar e disse que vai ter mais sangue no chão da Nuvem”. Isso foi a Mariana Santarelli que me liga e fala isso. Ela nunca me ligou. Enfim.” []

- ✓ “No sábado à noite, dia seguinte, as pessoas do grupo watts se organizam e dizem vamos nos encontrar lá na Nuvem. 8 pessoas se encontram lá. Indianara não está. E fala do que estava acontecendo.”
- ✓ “Em nenhum momento Indianara coloca no grupo da Nuvem do *Watshap* que ela fez parte o que aconteceu lá dentro. Não tem relato nenhum. O primeiro relato que eu leio era um *post* de Indianara público no *Facebook* dela.”
- ✓ “Ainda tinha mais 5 dias de carnaval. Porque não fazer alguma ação nesses cinco dias, entendeu? Não! O que ela fez foi atacar no *Facebook*. Se posicionando como não Nuvem, já atacando a Nuvem como se ela fosse algo externo ao coletivo sem levantar a questão para o coletivo. (...) “E já foi ameaçando “Ah, vamos escrachar se tiver isso aí rolando, se acontecer carnaval a gente vai entrar e vai ter confusão, e vai ter sangue na Nuvem” - que é a narrativa que a própria Mariana me ligou no sábado falando.”
- ✓ “No sábado à noite o coletivo decidiu acabar o Carnaval. A gente ia fechar a porta e não abrir. Isso foi sábado à noite. A gente fechou a Casa. Ficou tudo fechado todos os restos dos dias. Na terça de carnaval a Indianara chega com um chaveiro lá e troca o segredo da fechadura, e todos os associados que tinham chave não tem mais acesso.”
- ✓ “Um das assembleias que eu vi mais gente, uma semana depois dela ter ocupado a Casa, dela ter invadido a Casa e tomado tudo pra ela, tivemos uma assembleia com 30 pessoas, que tava inclusive Evelin, Mariana e todas as outras pessoas que hoje estão lá tomando parte por Indianara. E a decisão coletiva dessas 30 pessoas era “Não, a gente não vai chamar a polícia. Não era isso que a gente estava construindo dentro daquele espaço.””

Expulsão ou Ocupação?

Marcela, testemunha de defesa, reafirma em seu depoimento a tese defendida por Indianara segundo a qual a insustentabilidade financeira da Casa Nuvem era algo real. Menciona que já estavam desistindo da Casa Nuvem. Que a Casa estava com dificuldade para pagar as contas todo mês.

- ✓ “Era um sufoco pagar aquele aluguel. Pagava aluguel atrasado sempre. Só que a gente sempre pagava, e pagava com juros. Então, já tinha uma prática de atrasar o aluguel.”

Marcela, que depois vai compor a Comissão de “Transição”, reconhece ter permanecido na Casa com Indianara, dando aula de yoga para o Prepara Nem. Para ela, não houve uma invasão, mas uma **continuação**.

- ✓ “Eu continuei lá dando aula de yoga para as meninas do Prepara Nem. Eu fui constrangida pelos meus colegas da Casa Nuvem (...) Eu tenho muito claro que uma coisa é continuação da outra.”

Evelin, testemunha de defesa, que depois vai ser uma das mediadoras, foi a primeira pessoa a dar a dica a Indianara para disputar a Casa Nuvem.

- ✓ “Todo mundo fala que eu fui a grande golpista. Eu chego lá e falo “oh, teve uma reunião, vão entregar o imóvel e é legal você [Indianara] já se colocar porque eles vão entregar o imóvel. Alguém vai pegar, [] ou você [Indianara]”. (...) E aí ela começa a fazer todo o trâmite de troca e fica na Casa. Então, assim, no meu ver ela não ocupou, nem invadiu, nem expulsou ninguém. Ela só fez parte ali do que já estava acontecendo. Eles falaram que ia entregar o imóvel numa reunião que ela não estava e ficou sabendo através de mim que eles iriam entregar o imóvel (...)”

Durante a oitiva com Luciana Vasconcelos esta deu a entender, por duas vezes, que já estava interessada no espaço da Casa Nuvem:

- ✓ “Quando eu e Dani fomos morar nesta Casa a gente ficou pensando no aprendizado da convivência com Indianara e a experiência dela passando pra gente (...). A gente começou a formar opiniões. Ver como era importante que as pessoas realmente acatavam aquelas coisas que a gente falava, e isso era uma jóia pra gente porque a gente nunca tinha opinião. A gente não poderia falar porque as pessoas não estavam nem aí para o que sairia da nossa boca. Eu e a Dani ficamos pensando que era muito triste a gente ter um espaço ali, eu e ela, e uma série de amigas nossas na vulnerabilidades das ruas, não é? O porque de não acontecer uma Casa? Como a gente pode fazer com que o Prepara Nem conseguisse ter um espaço. E aí eu fiquei pensando muito de porque não ser ali naquele espaço? (...) ainda assim outras casas estavam sendo procuradas.” (Luciana Vasconcelos)

- ✓ Do encontro com a Casa Nuvem afirma que pode “perceber que eu estava dentro de um espaço onde eu encontrei amor, que é uma coisa muito difícil na nossa vida. E daí, começou a surgir sonhos e vontade de realmente poder ter um espaço. Por que não poder ter o espaço? (...) (Luciana Vasconcelos)

Para Luciana Vasconcelos, o ocorrido foi uma **ocupação**:

- ✓ “(...) na verdade, nós não invadimos o espaço que foi bloqueado. O carnaval foi bloqueado. E este espaço foi extremamente largado.”

Questionada sobre o que entende por ocupar e invadir, responde:

- ✓ “Quando você invade um espaço, ou as pessoas estão dentro desse espaço, ou esse espaço está fechado e você arromba. Quando você ocupa um espaço, você está ocupando um lugar que está largado, que foi deixado. (...) Ocupar é quando você tem um diálogo, de alguma forma e está bem naquele momento para ambas as partes ali que elas vão sentar e vão conversar. Na minha opinião aconteceu desta forma. A gente não invadiu. A gente não colocou ninguém pra fora. A gente não expulsou ninguém. A gente ocupou um lugar que estava ali deixado. Com uma série de travestis vulneráveis dormindo na rua em pleno carnaval. A gente pegou essas travestis e “Vamos ocupar este espaço que está ali. Vamos precisar pagar o aluguel? Pagamos o aluguel! (...)”

Para fiador do imóvel que atualmente acumula dívidas com o imóvel, e testemunhas de acusação, o que ocorreu foi uma **expulsão viabilizada pela coerção**

- ✓ “Ela (Indianara) expulsou a gente dali, daquele espaço. A gente não tinha mais como conviver com ela aí.”
- ✓ “Eu acho que o que houve foi uma violência e uma forma de expulsão. Podemos dizer que foi expulsão de fato porque a gente, queira ou não queira, tinha a opção polícia, poderia ter ido na delegacia, prestado depoimento, ter aberto um boletim de ocorrência e dito “Oh, invadiram a Casa, sou locatário e eu não posso deixar isso acontecer.” (...) As pessoas que estão com o nome de fato dentro do processo na justiça foram coniventes. É uma expulsão.
- ✓ “Eu acho sinceramente é que Indianara estava tendo vários problemas com diferentes associados da Casa (...), algumas pessoas não queriam mais que ela fizesse parte do Coletivo porque ela não cumpria com regras coletivas que a

gente tinha definido entre nós. Exemplo: espaços não podem ser usados como moradia. Dentro do Manifesto [da Casa] era uma regra desde o primeiro ano. E Indianara estava fazendo isso. A minha opinião pessoal é que foi intencional porque já tinha acontecido antes, em dezembro, de ela ter feito algum evento do Prepara Nem num dia de sexta - feira, eu por exemplo, não sabia nem que ia ter o evento, só soube depois, porque não usaram as ferramentas para compartilhar o evento (...) então eu nem sabia, estava chovendo no Rio de Janeiro, e aí o evento dela não deu quase ninguém, nenhum ou um associado da Nuvem foi no evento. E aí nesse momento ela já começou o discurso dentro da Casa que a gente era transfóbico (...)"

- ✓ Para foi “invasão violenta e conturbada!”, com a “tomada do território”.
- ✓ “Ela sabia que essas pessoas não iam na polícia.” ()

As diferentes leituras sobre as ameaças feitas por Indianare

Para Mariana Santareli, testemunha de defesa:

- ✓ “Apesar de todas as ameaças que corriam na internet, eu conhecia Indianara o suficiente para saber que tudo aquilo eram disputas midiáticas, que nada disso ia se reverter em violência real.”
- ✓ “Acho que qualquer pessoa que se aproxima dela de verdade sabe que ela tem um comportamento ético que o problema dela é que ela é radical demais na maneira como ela defende a ética dela. Ela não deixa passar nenhum tipo de machismo, nenhum tipo de racismo, nenhum tipo de injustiça. E ela realmente se torna um tanto agressiva para os padrões éticos brancos quando estas coisas são violadas.” (Mariana Santareli)

Mariana confirma a prática de provocação e de ameaça:

- ✓ “Eu fui a pessoa que provocou a ira de Indianara na faxina. Ela começou a provocar a gente no WhatsApp e no Facebook. Ah suas branquinhas burguesas. Que é uma coisa que ela faz de vez em quando. Eu fale *Ah Indianara, tudo bem que você não queria vim ajudar, mas você está sendo babaca*. Nossa! Você me chama de babaca, não sei o que, eu vou juntar as travestis para te dar porrada, não sei o que, vou te cortar toda. E eu *Ah, pode mandar. Manda, Inidanara*. No final, era uma brincadeira!”

Apesar de considerar as ameaças “uma brincadeira”, Mariana também percebeu que para outras associadas, com trajetórias distintas da sua, a ameaça foi sentida de outra forma:

- ✓ “Tinha a que era uma associada nossa que teve uma situação de um coletivo que ela participou no passado que teve uma situação de tentativa de assassinato. Ela fala *Ah, pra mim isso bate em um lugar, faz com que eu acesse essa memória* (...) Eu sempre achei bizarro que as pessoas levasse isso a sério.
- ✓ “De verdade, eu nunca me senti ameaçada. (...) Nesse processo de mediação e de negociação, eu já senti desconfiança das intenções de Indianara. *Ah eu vou, eu fui na imobiliária. Será que ela vai mesmo assinar este documento? Será que ela não vai jogar isso pra frente? Esse tipo de desconfiança, sim, durante muito tempo eu ficava Será que eu confio, será que eu não confio nela.* (...) Você vai nesse jogo até a hora que a ficha cai e você fala *Beleza, não, estamos nessa juntas mesmo! Mas, demora.*” (Mariana)

Marcela considera as ameaças feitas por Indianara como algo “alegórico”, mas contraditoriamente, vai afirmar que há violência em ambas as partes.

- ✓ “Sinceramente, eu acho tudo alegórico, sabe assim? Porque assim, cara, você conhece um pouco da rua, e eu vim de família pobre, você tem um linguajar que é outro, sabe? Você escracha mesmo (...) Aí a gente pega na palavra que a gente quer pegar e transforma naquilo que a gente quer transformar. A gente faz isso o tempo todo, da linguagem que constrói narrativas.” (Marcela)
- ✓ “Eu acho que tem violência, sabe? De tudo quanto que é lado, na verdade. Tem uma linguagem da violência de ambas as partes.” (Marcela)

Para os que romperam com Indianare, os relatos apontam os efeitos concretos das ameaças sobre os/as associados/as no que diz respeito à saúde, a relação com a cidade do RJ, e efeitos como o esvaziamento da Casa Nuvem

, testemunha de acusação, aponta violência do tipo “tortura psicológica” perpetrada por Indianare contra Izabel Zarzuela.

- ✓ “Indianara se direcionou a Isa em vários momentos. Ameaçando e etc e tal. Com Isa mesmo eu acho que era tortura psicológica, sabe? Ela entrou numa paranóia psicológica de que todo mundo estava contra ela, que tava todo mundo do lado

de Inidanara. (...) Ela é uma pessoa que botou bastante tempo da vida dela dentro da Casa. O sangue, né? Botou bastante sangue dela dentro daquela Casa. O que ela estava construindo ela viu tudo ser destruído.” ()

O efeito das ameaças sobre alguns implicou limitações no direito de ir e vir, medo de transitar por algumas regiões da cidade, mas também contribuiu para esvaziar a Casa Nuvem, pois alguns associados retiraram seus equipamentos logo após as ameaças de incêndio à Casa:

- ✓ “(...) de passar naquela região ou de sair do Rio de Janeiro, eu diria que umas 10. São pessoas que não passam ali. Eu mesmo não passo ali. Outro dia recebi um convite para ir a um restaurante angola que era ali do lado, eu estava super querendo ir, e eu não posso ir porque eu tenho medo de passar lá e ter qualquer tipo de conflito com Indianara e com a turma dela.” ()
- ✓ “Elas (as ameaças) não deveriam ser levadas ao pé da letra, mas deveriam ser entendidas como ameaça real. Eu não acredito que ela fosse tacar fogo na Casa com as pessoas dentro - apesar dela ser maluca, eu não acredito nisso. Mas, acredito sim, que se a gente aparecesse lá, poderia levar uma porrada da galera. Se desse mole, passasse ali a noite, poderia juntar a Indianara e o grupo dela e bater na gente (...) A Indianara é uma pessoa mais pra violenta, né? A gente acredita nisso. Até pela história de vida dela, e tudo mais. Eu acredito que ela necessitando, poderia partir para a violência sim! Assim como () agiu no dia do incidente lá. Quebrou uma garrafa e se cortou. Porque não Indianara ou alguém do grupo dela fazer alguma coisa deste gênero também? Então, eu acho que a gente deveria levar isso a sério.” ()
- ✓ “No primeiro ano quando isso aconteceu em 2016, eu comecei a não sair de Casa porque eu ia pra rua, e como eu sempre estava na Casa, as pessoas me conhecem de vistas, as pessoas tipo ficavam me encarando, bochicando, “Ah, aquele ali da Nuvem!”. Ou a própria paranóia que eu construí diante do que aconteceu. É violência, de alguma forma. É violência psicológica. Tinha as ameaças de Indianara e as ameaças das outras pessoas que chegaram a se manifestar se posicionando. Eu mesmo parei de ir nos lugares, parei de ir em qualquer coisa que estava

acontecendo. Fiquei muito tempo em casa durante 2016 por causa disso.”

- ()
- ✓ “Tinha um lugar que eu ia todos os dias e passei a não ir mais em lugar nenhum, em momento nenhum, nem passar na rua. Nem em Adalto do Botequinho que eu comia todos os dias lá e nem lá eu passo mais”
 - ✓ “Eu me senti ameaçado. (...) Esse ano agora com as passeatas aí, enfim, Lula Livre, em algum momento que eu estava na rua, numa manifestação, e eu encontrei Indianara vindo em minha direção com várias pessoas da Casa, eu meio que gelei assim. Saí do caminho, e deixei ela passar (...). Naquele momento eu fiquei com medo, sabe? Eu não sei se ela faria alguma coisa. Eu acho que muito de Indianara é construção de narrativa, sabe? Que é muito mais poderoso que a violência de fato.”

As ameaças contribuíram no sentido de causar certo enfraquecimento das finanças e desarticulação da Casa Nuvem, na medida em que inviabilizou funcionamento do bar e levaram alguns associados a retiraram seus equipamentos do espaço:

- ✓ “Eu via Indianara ameaçar a outras pessoas e a Nuvem como um todo, assim.”
- ✓ A frase “vou tacar fogo com vocês na Nuvem”. “Isso que ela falou foi no sábado, no domingo, o Guilherme, que é um dos fundadores, que tinha equipamento la dentro ainda, ele tinha la um estudio com o Bruno (...) no domingo eles foram lá e retiraram todo os equipamentos, quando eles viram essas mensagens. Eles tiraram todo. Pegaram a kombi e fizeram 4 viagens e tiraram tudo.”;
- ✓ “Quando Indianara disse “vou tacar fogo com vocês na Nuvem” ficou todo mundo assustado. A gente se sentiu ameaçado e assustado e com medo, medo de estar todo mundo lá e ela tacar fogo de verdade. Ela disse! Não é uma coisa que a gente inventou. Ela disse. Tá escrito num chat. Que ia tacar fogo na Casa se a gente continuasse com o carnaval, entendeu? Nesse momento, a gente se sentiu ameaçado. Se a gente não se sentisse ameaçado, a gente não tinha parado o carnaval. (...) Eu não conheço ela intimamente. Eu não convivo com ela todos os dias. Eu não

sei. Ninguém tinha como saber. [Elemento importante: as pessoas dividiam espaço, mas não se conheciam intimamente.] ()

- ✓ Durante a oitava, () se recordou de assassinato de franceses em conflitos com projetos sociais no Rio de Janeiro. “Como duvidar que seria diferente?”

A “Mediação” (comissão de transição)

Para Mariana Santareli, associada que participou da mediação e testemunha de defesa, práticas de desconfiança e sabotagem marcaram o processo de mediação, inviabilizando-a.

- ✓ “Quando fala *Ah a mediação não deu certo porque Indianara não cumpria com os acordos*, mas eu acho que havia uma desconfiança absoluta de todos os lados que tornavam as coisas impossíveis. E uma sabotagem a todas as pessoas que se colocavam na mediação. Pra mim, pessoalmente, foi uma fase da vida muito traumática, muito difícil porque eu fiquei muito isolada.” (Mariana Santareli)
- ✓ “Parece que no fundo, ela (Isabel) não quer que a questão se resolva (...) Era eu e ela que tocava o Projeto Dissidências. Pra mim é muito decepcionante, a gente ter um projeto chamado Dissidências Políticas e quando acontece uma dissidência, a gente não é capaz de compreender essa dissidência. Eles compraram este lugar de polarização que reforçou esse lugar completo de desconfiança com relação a Indianara que já existe por conta da trajetória de vida dela enquanto prostituta, travesti.” (Mariana Santareli)
- ✓ “Indianara também não é nenhuma santa, né? (...). Acho que ela pecou muito no sentido de que ela vivia dizendo *Não, eu tô reunindo, to juntando.* Às vezes até mesmo ela fantasia as condições reais que ela tem de assumir as coisas que ela gostaria de fazer. Mas, eu não acho que seja má fé.” (Mariana Santareli)

() afirma que os nomes indicados para a tarefa de mediação foram: Mariana, Evelin e Marcela. Todas eram da Casa Nuvem. () ele quis participar da comissão, mas Mariana não aceitou. Para as testemunhas de acusação, como (), durante o processo de mediação, Marcela e Evelin foram “ganhas” por Indianara, isso se deu pela “potência do que é o projeto” (Casa Nem).

Ainda segundo [redacted], para facilitar a mediação, aceitaram ficar calados, mas não obtiveram sucesso. Ele afirmou que a “mediação” foi sugestão do advogado de [redacted]. Foi “furada total”.

- ✓ “Ela [Indianara] deu vários prazos. Diferentes prazos. Fez promessas não só pra gente como também para a imobiliária” [redacted]
- ✓ “O que aconteceu é completamente desonesto. Ela³ foi prorrogando, nos enrolando até chegar agosto de 2016, em que ela estava candidata pelo PSOL pra vereadora; e aí a gente não aguentou mais (...) aí tem o #LiberaNuvem. A gente começou a falar porque a gente não sabia o que fazer.” (A campanha era o momento para voltar a ter atenção para o caso). [redacted]

Sobre o patrimônio da Casa Nuvem

Marcela, testemunha de defesa, nega que houve roubo do patrimônio da Casa:

- ✓ “Essa coisa da desconfiança é muito fácil de colar com as pessoas mais vulneráveis (...) estão na rua com essas marcas. Isso sempre me incomodou. E isso tem a ver com a acusação (...) de que Indianara pegou as coisas da Casa Nuvem. Não é verdade. Eu fui responsável por fazer um documento (...) várias coisas do Ponto de Cultura tinha câmara, projetor, coisas caras, equipamentos (...) foram retirados [Por [redacted]]. E geladeira, freezer (...) **eu tinha uma clareza de que aquilo ali era uma continuidade.** E o que a gente ia fazer com aqueles equipamentos usados? Ia vender? (...) E a gente pensou bem (...) que a melhor coisa que a gente podia fazer para não tensionar mais era deixar todos os pertences para as pessoas que estavam na Casa (...) A gente fez um documento. (...) Ficou essa história como se ela [Indianara] tivesse roubado, mas ela não roubou nada.”

Interrogada sobre quem deliberou sobre a doação do material, afirma:

- ✓ “a gente se via ainda como Casa Nuvem (...)”.

Foi questionada se o documento incluía a assinatura de todos os associados da Casa Nuvem, a que respondeu:

³ Refere-se a Indianara.

- ✓ “Como eu estava nessa função de mediadora, e era reconhecida, então eu estava falando em nome, então eu tive esse papel de representar num certo sentido os interesses da Casa Nuvem para tentar chegar a uma solução pacífica.”

A mudança dos nomes no contrato não aconteceu. Saldo: uma dívida de R\$ 150 mil.

que acumula uma dívida de R\$ 150 mil declara arrependimento por apostar numa saída pacífica com Indianara:

- ✓ “Se eu voltasse atrás, eu chamaria a polícia, certamente. Eu acreditei que a gente poderia ter uma saída pacífica, uma saída mediada e que ia dar tudo certo. Eu não imaginei que seria um processo tão grande assim. Se soubesse que ia ser essa guerra toda, que ia ter no final uma dívida de R\$ 150 mil nas minhas costas, por um projeto que não é meu, eu teria agido de outra forma. Eu agi da forma que eu acreditei, e eu acredito ainda nessa via pacífica, mas, entendo que isso não funciona com Indianara.”
- ✓ “Eu botei o nome num projeto que eu acredito, que eu queria, não é? (Refere-se à Casa Nuvem). Eu simpatizo muito com o Prepara Nem e com a Casa Nem, mas eu não coloquei o meu nome no Projeto Nem. Eu fui obrigado a ter o meu nome associado ao projeto Nem. Isso foi uma imposição dela (Indianara). Se ela queria fazer isso mesmo, ela que assumisse o diabo da Casa, o diabo do contrato, e tocasse o projeto.”
- ✓ “(…) eu não acredito em nenhuma palavra que ela fala (…). Eu não tenho como acreditar porque ela disse que ia sair da Casa e não saiu. Já disse que ia trocar o nome no Contrato e não trocou.”
- ✓ “Se ela não conseguiu arcar, ela que saísse da Casa.”

10 Parecer da Relatora: retomando os eixos centras de análise

1 O ocorrido foi uma expulsão ou uma ocupação do imóvel?

Por tudo que foi relatado anteriormente, entendo que estamos tratando de um caso que envolve a invasão de um imóvel já que este tinha uma função social.

A “invasão” foi negada por Indianare durante a Oitiva, mas dispomos de muitos registros com declarações onde não só há o uso do referido termo, mas opção demarcada pelo mesmo:

- ✓ “As pessoas da CasaNuvem foram expulsos do local por TransVestiGeneres que invadiram (**não ocupamos, ocupar é muito cochinha, nos invadimos mesmo**) o local retomando um espaço que sempre foi nosso” (p. 3, Dossiê; grifo nosso).
- ✓ “Eu decidi expulsar eles do local, deixei eles virem pegar algumas coisinhas deles, as fraldas deles (risos), para eles (...), e aí expulsei eles de lá, tomei a casa, coloquei dentro as travestis, que estavam dormindo na rua (...) (p. 31 do Dossiê)

Por isso, reafirmo posição aprovada pelo Diretório Estadual do PSOL RJ no dia 25 de junho de 2018:

- ✓ “Não se tratou, portanto (...) de ocupação de um imóvel vazio e improdutivo para dar a ele uma função social, como a Constituição permite. Tratou-se de uma apropriação violenta de um imóvel que tinha sido alugado por um coletivo de resistência social e cultural, que cumpria uma importante função social.”

Considero os projetos desenvolvidos por Indianara por meio da Casa Nem fundamentais para as mulheres trans. Mas, essa importância não justifica o uso dos métodos adotados por Indianare – sobre os quais discorreremos a seguir.

2) Neste processo, ocorreram ameaças, ou não?

A análise desenvolvida até aqui tendo como base material produzido e coletado permite afirmar que ameaçar e escrachar publicamente nas ruas e nas redes sociais é um método de disputa política muito utilizado por Indianara. Práticas transfóbicas devem ser combatidas, mas neste caso elas foram instrumentalizadas para viabilizar a invasão do espaço.

Entendo que o uso das ameaças e acusações de transfobia foi decisivo para viabilizar o objetivo de preparar o terreno para a invasão da Casa, esvaziando-a, fragilizando-a financeiramente, assustando e dividindo associados, etc.

Prática observada também na relação que Indianare estabelece com o partido. Em julho de 2017, quando dirigentes do partido foram designados para fazer mediação do conflito e garantir o pagamento dos aluguéis atrasados ou a entrega do imóvel, a do PSOL Rio de Janeiro, foi hostilizada e ameaçada por Indianare. Conforme depoimento de :

Muito agressiva. Falou que a Isabel que se virasse. Que ela era classe média e que a classe média tem que se ferrar mesmo. Ela é que era pobre, e sabia o que era pobreza. Que ela ia usar o dinheiro [arrecadado por meio de doações] para pagar outras coisas, e não para pagar a dívida. Mas, o que me chamou mais a atenção, e ali eu formei a minha opinião sobre ela, foi que ela falou o seguinte. Se Isabel aparecesse lá ela já tinha dado orientação para jogar um balde de água fervendo na cabeça da Isabel. (...). Encontramos uma intolerância, uma forma agressiva e uma ameaça.”

No dia da Oitava, Indianare enviou mensagem à acusando o PSOL de faltar com a ética isto porque em função de uma obra na sede do partido optou-se por transferir a oitava para outro local; mas, o partido comunicou a mudança antecipadamente sem prejuízo para os trabalhos.

A crítica legítima ao PSOL pelo debate tardio sobre o conflito veio acompanhada de recados e de pressão para revisar a decisão pela impugnação da sua candidatura:

- ✓ “Essa merda toda que está acontecendo agora. A gente não precisava disso num momento político novamente. Á beira de eleições, trazer uma história de 2016, antes das eleições municipais, e agora ser usado de uma maneira como essa. O que prejudicou muito mais agora porque não prejudica só a mim. Eu já tinha avisado que eu não viria candidata. O que leva agora a uma revolta dos movimentos, da maneira como aconteceu, na Semana do Orgulho LGBTI. E que a gente vai ter que achar uma maneira para que o partido seja, de certa maneira, o menos prejudicado nessa história toda. Porque agora o partido está exposto, está envolvido numa briga que não deveria ter se envolvido (...) É óbvio que os movimentos que defendem a Casa Nem e que se sentem identificados na Casa Nem vão se sentir agredidos e vão se sentir ameaçados. E aí começa: “Eu não voto mais no PSOL. Vou me desfilial. Não votaremos! etc.”
- ✓ “Não sei como vai ser. Se vai ser a minha desfiliação. A minha expulsão. Mas, o partido vai ter que encontrar uma maneira de que a gente possa resolver esta questão para que se tenha o menor prejuízo para o partido.”
- ✓ “Eu falei que eu ia retirar (a candidatura), mas os movimentos falaram que não! Que agora eles querem a candidatura. Eles vão forçar a minha candidatura. Agora a gente vai ter que entrar com processo judicial.”

E mais recentemente, novas ameaças foram feitas ao PSOL. Sua “intenção 2018: Destruir o PSOL”. Escrachos em praça pública, campanha contra o PSOL, várias acusações de racismo, machismo, lgbtfofia, etc, sem provas. Exatamente como fez com a Casa Nuvem.

No dia 14/08, às 15:18, Indianare escreveu o seguinte no Grupo “LGBT’s de Esquerda RJ”

- ✓ “Minha intenção 2018: Destruir o PSOL Transfóbico, machista, misógino e escroto onde os 30% do fundo partidário não será dividido igualmente entre mulheres cistrans. O dinheiro será concentrado em uma mulher, as outras dependerão dela. Se quiserem. Kkkkk. To rindo aqui do socialismo e liberdade branco. Prega igualdade mas é hipócrita, transfóbico, machista, escroto, misógino, Racista, homofóbico. Lesbofobico, bifobicos, intersexofibicos. Classista. Capacitista. Gente PSOL o partido do futuro. Kkkkkk. Que futuro? Onde mulheres se submentem vendo outras que não tem buceta sendo eliminadas por serem consideradas violentas, agressivas, não tendo perfil publico para representar o partido por ser além de transvestigenerere Puta? Hipócritas.”
- ✓ “Se submetam kkkk”
- ✓ “Preparando o som e a teabsvestigeneres pra escrachar o PSOL publicamente no comício da Cinelândia. Vamos começar a campanha: NÃO VOTE NO PSOL. E vai ser em praça pública.”
- ✓ “Vai ter faixa e projeção com o pessoal do audiovisual da CasaNem..”
- ✓ “Os advogados também entraram com ação no TR. Amanhã será registrada a minha candidatura avulsa. Pode não dar em nada. Mas a gente vai causar nessas eleições e será contra o PSOL. Vamos tirar o máximo de votos que pudermos. Maricá, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Macaé, Campos, Rio das Ostras, Baixada Fluminense e região metropolitana esperando eu avisar quando podem lançar a campanha. Todes meus comitês de campanha concordaram com a campanha: NÃO VOTE NO PSOL E PEÇA PRA NO MÍNIMO 5 AMIGOS SEUS NÃO VOTAREM.KKKKKKKKKKKK”
- ✓ “SOMOS MÁS. PODEMOS SER PIORES.”

10.3 Conclusão

Que a filiada e figura pública Indianare apresenta postura política desalinhada com o Programa e Estatuto do PSOL.

De acordo com o Estatuto do PSOL, “CAPÍTULO II – **DOS OBJETIVOS**”, “Art. 5º – O Partido **SOCIALISMO E LIBERDADE** desenvolverá ações com o objetivo de organizar e construir, junto com os trabalhadores do campo e da cidade, de todos os setores explorados, excluídos e oprimidos, bem como os estudantes, os pequenos produtores rurais e urbanos, a clareza acerca da necessidade histórica da construção de uma sociedade socialista, com ampla democracia para os trabalhadores, que assegure a liberdade de expressão política, cultural, artística, racial, sexual e religiosa, tal como está expressado no programa partidário Art. 6º – Coerente com o seu Programa, o Partido **SOCIALISMO E LIBERDADE** é solidário a todas as lutas dos trabalhadores do mundo que visem à construção de uma sociedade justa, fraterna e igualitária, incluindo as lutas das minorias, nações e povos oprimidos.”

Ainda de acordo com o Estatuto do PSOL, CAPÍTULO II – DOS DEVERES DO FILIADO, Art. 11 – entre os deveres do/a filiado/a, consta o seguinte:

“c) manter uma conduta pessoal, profissional e comunitária de acordo e compatível com os objetivos e princípios éticos do Partido;”

Diferente do que prescreve o Estatuto, que afirma que um dos objetivos do partido é organizar e construir a luta conjuntamente com os diversos segmentos da classe trabalhadora, no caso em tela, os/as associados e associadas à Casa Nuvem, a filiada atuou no sentido de *dividir*. Conforme escreve na lista de WhatsApp Nuvem: “*Eu quero dividir. Não quero somar e sim agredir. Vou tentar agredir o máximo que puder agora.*” (Dossiê, p. 16)

Ao invés de atuar no sentido de ser solidária às lutas organizadas naquele espaço, Indianare fez outra opção, conforme declara na lista de WhatsApp Nuvem: *Vou detonar vocês.*

Entendo como postura inconciliável com o programa do PSOL a postura de Indianara Siqueira, uma figura pública do partido, defender e naturalizar a relação de escravidão, bem evidente na seguinte declaração da filiada:

- ✓ *“Que os cisgeneres sejam agora escravos de pessoas trans.”* (Cf. Dossiê, p. 19; trecho de conversa do “WhatsApp Nuvem”.

De acordo com a Resolução aprovada pelo Diretório Estadual do PSOL RJ no dia 25 de junho de 2018:

- ✓ *“O Partido como sempre está comprometido com o fortalecimento de atitudes que se pautem pela ética, diálogo e transparência.”*

Depoimentos dão conta que Indianara se ausentava às Assembleias. Não usava os meios de comunicação disponíveis na Casa Nuvem para discutir as divergências. Ao contrário, declarou encerrar o diálogo:

- ✓ *“Se possível não falem comigo. Nem bom dia. Nem boa tarde ou boa noite. Vou estar sempre em silêncio pra vocês.”*

Aliás, o diálogo não foi difícil apenas com associados da Casa Nuvem. Ele ficou inviabilizado com a imobiliária e até com a direção do PSOL. Indianare não cumpriu acordos firmados com fiadores da Casa Nuvem, nem com a imobiliária, nem respeitou as deliberações da direção partidária.

Como já indicamos, no dia 11 de julho de 2017 a Executiva do PSOL Carioca debateu sobre o conflito e se posicionou nos seguintes termos:

- *Que os atuais responsáveis pela Casa Nem resolvam a pendência rapidamente haja vista que já havia compromisso anterior em regularizar os débitos e o último acordo, expirado em 05/05/2017, não foi cumprido.*
- *Que não sendo possível resolver a questão financeira e a constituição de um novo contrato, que seja entregue o imóvel ao proprietário.*

Mas, Indianare seguiu no imóvel, e a dívida se avolumou.

A Indianare faltou transparência. Fez uso de *fake news* para *dividir* o grupo e se apropriar do patrimônio de resistência construído por uma coletividade, um instrumento indispensável para o fortalecimento das lutas pelo direito ao corpo e a liberdade sexual, contra a violência policial, contra o extermínio de negros como Amarildo, contra a máfia dos transportes, etc.

Pelo exposto, entendo que a filiada apresenta perfil incompatível com o Programa e Estatuto do PSOL. Entendo – como as próprias denunciantes apontam – que a trajetória de Indianare, mulher trans, vulnerável por muitos marcadores sociais, se constitui em fator agravante para seu comportamento, pois Indianare aprendeu a se defender da violência fazendo uso desta.

Durante a análise do caso tivemos acesso a uma denúncia encaminhada ao Ministério Público por meio do Ofício N 019/2018, segundo a qual uma adolescente trans moradora da Casa Nem, havia denunciado práticas de exploração sexual e varias formas de violação de direitos humanos no interior da Casa. Mesma não sendo objeto da denuncia encaminhada à Comissão de Ética, a encaminho para que o partido acompanhe a denuncia – que segue em anexo.

Assim, e considerando que cabe à Comissão de Ética tratar desta questão, conforme

CAPÍTULO XIII – DA COMISSÃO DE ÉTICA

Art. 90 – A Comissão de Ética é o único organismo partidário eleito no Congresso Nacional que decide sobre as questões de moral partidária, conforme a compreensão da sociedade e das relações humanas na luta pela construção de uma sociedade socialista, com ampla democracia dos trabalhadores, que assegure a liberdade de expressão política, artística, racial, sexual e religiosa, tal como expresso no programa e no Art. 6º deste Estatuto.

E conforme prevê o Estatuto do PSOL, **CAPÍTULO III – DA DISCIPLINA E DA FIDELIDADE PARTIDÁRIAS** Art. 13 – Qualquer membro do Partido, independentemente do cargo que ocupe ou órgão ao qual pertença, que venha, por ação ou omissão, a descumprir o programa e Estatutos partidários, em seu todo ou separadamente, sofrerá as seguintes sanções:

I – advertência;

II – destituição de cargos políticos;

III – afastamento por tempo determinado do Partido; d) expulsão do Partido.

Recomendo a aplicação da seguinte sanção: expulsão dos quadros partidários da filiada Indianare Siqueira.

Por fim, cabe ressaltar:

- 1 Que o tratamento aqui defendido não se imiscui no juízo a respeito de quem possui a posse mais justa do referido imóvel no qual ocorreram os conflitos que deram causa à comissão de ética.
- 2 Nosso compromisso com a causa trans e o máximo respeito a toda pauta do movimento LGBT.